



## AS ARTES DO FOGO NO XAMANISMO



*“One touch of Nature makes the whole world kin.”*

WILLIAM SHAKESPEARE, *Twelfth Night*

Desde os primórdios dos tempos que a relação do Homem com o Fogo tem sido estreita e especial. Foi através da luz do fogo que o Homem primeiro viu a sua sombra reflectida no fundo das cavernas rupestres e a confundiu como a primeira hipóstase da sua alma. Esse sombrio reflexo despertou em si a chama criativa para começar a pintar as cenas da sua vida quotidiana e da sua relação espiritual com o Divino. O fogo passou a ser fonte de iluminação e calor nos períodos de Inverno e de sustento, transmutando a matéria crua da carne animal. Introduziram-se, então, radicais mudanças na sua alimentação e na sua primeira concepção da alma humana. Porém, o fogo passou a ser também o foco de luz à volta do qual se reuniam os elementos das tribos, símbolo da presença tutelar da sua Linhagem. A arte de dominar o fogo era uma prova de passagem, uma prova de sobrevivência. Esse factor egregórico, iniciático e de comunhão transensorial jamais deixaria de ser cultuado até hoje, chegando aos nossos dias como um dos momentos mais sagrados dos encontros xamânicos.

Se tivermos em conta o tipo de reuniões xamânicas que ainda hoje se praticam, poderemos facilmente identificar o relevante papel de uma fogueira dentro de uma Yurt ou Tipi. É ele que alimenta o calor das tendas de suor e é ele, através do som crepitante das chispas de madeira e do fumo refulgente, o primeiro indutor do estado de consciência alterado a que chamamos transe xamânico. O Fogo é encarado no Xamanismo como veículo das vozes dos Espíritos, os únicos e verdadeiros iniciadores dentro das práticas xamânicas. Para comunicar com os Ancestrais ou Espíritos, os xamãs acendem fogueiras, queimam mechas de ervas criteriosamente escolhidas e usam





o vapor de água aspergida sobre as brasas para profetizar ou auxiliar numa questão pendente. É com o calor da fogueira que o xamã prepara o seu tambor, esticando a pele no ponto certo para que as batidas se assemelhem à de um coração: grave e constante.

Nos povos siberianos do círculo ártico existem práticas conhecidas de rituais sacrificiais pelo fogo. Cavalos eram imolados no fogo para comungar com o Mundo Superior e Renas eram oferecidas para comungar com o Submundo. Ainda hoje podemos ver vestígios destas práticas em Panóias em cujas *gastras*, pias sacrificiais, se faziam doações das entranhas animais a Serápis.

Nos nossos dias o fogo não perdeu a sua importância e a sua irmandade com a humanidade. Os círculos xamânicos modernos ainda usam fogueiras para trabalhar círculos de medicina, círculos de tambor e encontros xamânicos. As escolas esotéricas que encontram as suas raízes no Xamanismo mantêm também esta especial relação com as fogueiras sagradas. Mesmo nas nossas vidas rotineiras e sociais, continuamos univocamente a partilhar um pouco da maravilha que este elemento espiritual desperta em nós. Segundo muitos círculos gnósticos da Antiguidade, como os de Simão o Mago, o Fogo era o primeiro elemento criador do cosmos de onde tudo surgiu e para onde tudo um dia regressará. Continuamos a olhar-nos nas sombras da noite à luz das fogueiras de convívio, sejam as de natal ou das festas de aldeia, onde voar e pular sobre o fogo ainda é prova simbólica de uma passagem à vida adulta e de uma transição iniciática. O Fogo é, desde os tempos remotos do Xamanismo, o Pai da Iniciação.

Para ser bem sucedido na arte de manusear o fogo, existem algumas considerações que devemos manter presentes. A madeira a utilizar deve ser de diferentes grossuras e deve estar devidamente seca, ou seja, não conter folhas verdes e estar protegida da humidade. As acendalhas devem ser colhidas na própria natureza, ficando ao critério de cada um a selecção das madeiras, consoante o espírito tutelar dos grupos de trabalho xamânico. Uma boa forma de recolher acendalhas é reservar ervas cortadas e armazená-las em local seco; outra opção é usar tocos de madeira apodrecidos pelas chuvas e desfazê-los; uma outra opção é usar as lascas de cascas de árvore secas ou mesmo as suas folhas, desde que secas. A caruma dos pinheiros e as próprias pinhas secas fazem boas acendalhas e encontram-se amiúde no território nacional.

O terreno onde vai ser feita a fogueira deve estar limpo de impurezas e de vegetação, assegurando assim que o fogo não se propague para além da arena da fogueira. Limpo o terreno, devemos começar a construir a estrutura da fogueira, começando pelas acendalhas, paus mais finos, seguidos de paus mais grossos. Um erro comum é abafar a fogueira, assoberbando a estrutura de madeira, ervas e folhas. O fogo precisa de oxigénio para poder crescer, logo, se a abafamos, inviabilizamos a sua respiração. Quando acendemos o coração da fogueira, ou seja, a parte mais inflamável, devemos ajudar com o sopro, sendo que o sopro deve ser suave mas prolongado. Este é o momento que considero mais sagrado, pois, de certa forma, a nossa expiração beija as chamas infantis da fogueira para que a possam nutrir e fazer crescer. É neste momento que comunicamos ao Fogo as nossas bênçãos e as nossas intenções de trabalho no círculo xamânico. E é assim, quando o Fogo se manifesta com todo o nosso poder e nos toca a face com o seu indomável calor, que deixamos de expirar e permitimos que esse Espírito nos acompanhe e nos guie no trabalho dessa noite.

